

criança Criança se afoga
FSP 2/2/82
em balde e morre

Ana Paula, um ano e oito meses, filha da empregada doméstica Maria de Fátima Castro, morreu ontem no Hospital de Villa Maria, para onde foi encaminhada após ser encontrada em um balde de água com capacidade para cerca de 30 litros, no banheiro da Creche Irmã Natividade, da Obra de São Teodoro, na rua Mary Amedia, 456, Villa Maria.

"Deus está me provando. Eu tenho que suportar. Por que aconteceu isso conosco?", indagava à tarde Maria Siqueira Campos, presidenta da entidade, responsável pela criação e manutenção da creche, que abriga em média 40 crianças de até três anos. Há 40 anos ela se dedica a obras de caráter social e filantrópico.

Aos prantos, Maria Siqueira lamentava a morte de Ana Paula. "Você sabe o que é isso? Perdemos uma criança. Só espero poder dar consolo àquela mãe, porque a vida de sua filha não posso restituir."

A mãe da menina, Maria de Fátima, ficou muito nervosa e precisou ser internada no Hospital de Villa Maria. Seu patrão compareceu ao 19.º Distrito Policial. — o delegado Melinaldo Gomes solicitou exame necroscópico ao Instituto Médico Legal — in-

teirou-se da ocorrência e tomou as providências para o sepultamento. Maria de Fátima não tem parentes na Capital e Ana Paula é de paternidade desconhecida.

EM SEGUNDOS

Maria Siqueira e as demais funcionárias da entidade estavam profundamente abaladas com a morte da menina, que há dois meses frequentava a creche. "Somos uma entidade filantrópica, que atua em convênio com a Prefeitura. Só recebemos crianças cujos pais ganhem menos de três salários mínimos", explicava a presidenta.

Com dez funcionários e vários voluntários, entre os quais médicos e psicólogos, a creche funciona anexa ao colégio de São Teodoro. Modesta, a entidade mais parece uma casa asseada, onde crianças bem-cuidadas brincam com as funcionárias, no berçário e no quarto.

"O acidente ocorreu em segundos", disse a enfermeira Nelde Garchardt. "Encontramos a menina debruçada no balde, em que estavam várias fraldinhas mergulhadas em água misturada com desinfetante." Lembrou que ainda tentou reanimar Ana Paula, fazendo respiração boca-a-boca. Socorrida pelo médico, que voluntariamente presta serviços à entidade, Ana Paula foi encaminhada ao Hospital de Villa Maria.

Aldaiza Spozatti, assistente social da Prefeitura que fiscaliza as atividades da creche, explicou que a desinfecção das roupas das crianças começou a partir de um caso de hepatite surgido há alguns meses.

"Tanto amor e cuidado com as crianças. Veja, tudo aqui é limpo e organizado, cuidamos de tudo, com muito sacrifício. E quem diria, meu Deus, que um balde ia fazer isso com uma das minhas crianças?" perguntava perplexa, Maria Siqueira Campos.

FSP 02/02/82

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

FCLHP
Jornal: O P. TARDE

Data: 02/07/82

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte.....

Garotinha afogou-se num balde d'água na creche

"Você sabe o que é isso? Perdemos uma criança. Só espero poder proporcionar consolo àquela mãe, porque a vida de uma filha não tenho condições de restituir". Da. Maria Siqueira Campos, presidente da Obra de São Teodoro, responsável pela criação e manutenção da Creche Irmã Natividade, que funciona no Colégio da rua Mary Ameda, 456, na Vila Maria, assim expressou-se, extremamente angustiada, ontem à tarde, ao revelar aspectos do acontecimento relacionado à morte da garotinha Ana Paula, de um ano e oito meses, filha da empregada doméstica Maria de Fátima Castro.

A garotinha foi encontrada ontem com a cabeça num balde d'água, com capacidade para cerca de 30 litros, naquela creche. A menina foi socorrida, atendida por um médico particular e depois transferida para o Hospital da Vila Maria, onde faleceu. Informado dos fatos por um funcionário da creche, o delegado Melinaldo Granja, do 10.º Distrito, adotou as providências previstas em tais casos.

Maria Siqueira e as funcionárias da entidade, estavam profundamente abaladas com a morte da menina, que começou a frequentar a entidade há dois meses. "Somos uma entidade filantrópica que atua em convênio com a Prefeitura. Só recebemos crianças cujos pais ganhem menos de três salários mínimos mensais", explicava a presidente da instituição.

DEPOIMENTO DA ENFERMEIRA

"O acidente ocorreu em segundos — contou a enfermeira Nel-de Garchardt. Encontramos a menina debruçada no balde no qual havia várias fraldinhas mergulhadas em água, misturada com desinfetante". A funcionária lembra que ainda tentou reanimar a menina aplicando o sistema de respiração boca-a-boca. Mas tudo foi inútil.

Levada ao consultório do médico, que voluntariamente presta serviços à entidade, Ana Paula ainda vomitou mas não conseguiu resistir aos danos causados em seus intestinos, pela ingestão do líquido. A tarde deu entrada, já em óbito, no Hospital da Vila Maria.

Aldaiza Sposatti, assistente social da Prefeitura, que fiscaliza as atividades da creche, explicou que a desinfecção das roupas de crianças começou a ser feita a partir de um caso de hepatite surgido há alguns meses.

"Tanto amor e cuidado com as crianças. Veja, tudo aqui é limpo e organizado. Cuidamos de tudo, com muito sacrifício. E quem diria que um balde ia fazer isso com uma das minhas crianças?" — perguntava, perplexa, da. Maria Siqueira Campos.

Com dez funcionários e vários voluntários, entre os quais médicos e psicólogos, a creche funciona anexa ao Colégio de São Teodoro.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal

Data

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Creches

Os funcionários públicos que trabalham nas creches da Prefeitura de São Paulo estão reivindicando uma jornada de trabalho de 33 horas semanais, em substituição à atual que é de 45 horas. Embora já exista um projeto nesse sentido, aprovado pela Câmara Municipal, os funcionários estão passando um abaixo-assinado entre a categoria e as mães das crianças, que será entregue ao prefeito Salim Curiati para que ele não vete a matéria.

No dia 29, a União Nacional dos Servidores Públicos enviou um ofício ao secretário José Ávila da Rocha, da Família e Bem-Estar Social, pedindo uma audiência para o dia 1º. No entanto, até agora não foi dada nenhuma resposta. Os funcionários pretendiam pedir ao secretário que incentive o prefeito a sancionar a lei.

Segundo a entidade, na zona Sul já existe uma creche onde os funcionários adotaram a jornada de 33 horas semanais e concluíram que esse horário é perfeitamente viável. Eles dizem que o desgaste físico é menor, resultando em melhores condições de atendimento às crianças. A UNSP pretende ainda marcar uma audiência com o prefeito e mostrar a experiência dessa creche.

MOOCA: MÃES PEDEM INAUGURAÇÃO DE CRECHE

"Se a creche já está pronta, por que ainda não está funcionando? Queremos trabalhar e deixar nossas crianças em lugar seguro." O desabafo foi feito por Maria do Socorro Silva, que tem sete filhos menores, mora num cortiço, na Mooca, e é uma das numerosas mães inconformadas com o fato da creche localizada na rua Jalbarás, ao lado da Administração Regional do bairro, ainda estar fechada. De acordo com Maria, o prédio foi concluído há três meses, mas, até o momento, ninguém informou a data em que a creche iniciará suas atividades.

As moradoras da região esperavam que o ex-prefeito Reinaldo de Barros inaugurasse a creche durante sua gestão. Mas como isso não ocorreu, voltam à antiga mobilização, iniciada em 1979. Naquele ano, a Paróquia de São Rafael iniciou pesquisa para conhecer as necessidades dos moradores do bairro. Após constatar a importância da construção de uma creche, várias mães pertencentes à paróquia começaram a passar um abaixo-assinado, no qual ofereciam alternativas de endereços para a construção do estabelecimento.

O documento foi entregue à Coordenadoria do Bem-Estar Social — Cobes e seu responsável na época, Wilson Quintella Filho, prometeu que a creche estaria em funcionamento no início do ano passado. Paralelamente ao pedido, a Prefeitura

E ainda
9/2/82



A creche está pronta há três meses, mas ninguém sabe quando será inaugurada

ra Municipal alugou uma casa na Vila Bertoga (rua Ribelão Branco) — um dos endereços indicados no abaixo-assinado —, informando aos moradores que o prédio seria utilizado para abrigar as crianças.

Novamente as expectativas das mães da Mooca foram frustradas, pois, três meses depois de alugada, a casa passou a ser utilizada por um grupo de cantores líricos do Teatro "Artur de Azevedo". Não houve maiores explicações por parte

da Prefeitura, a não ser a de que seria mais viável construir um prédio próprio para a creche que alugar um edifício particular.

No ano passado teve início a construção do prédio, ao lado da Regional. Ele agora está pronto e possui até "playground" e brinquedos diversos. Mas seus portões permanecem fechados e, aparentemente, não há vigias no local.

Como já fez anteriormente, um grupo de mães do bairro

pretende solicitar a imediata inauguração da creche.

Enquanto esperam a tão desejada inauguração, Maria e suas companheiras do cortiço — calcula-se que 52 famílias vivam lá — contam as suas dificuldades: "Nós não temos condições de colocar as crianças em creche particular. Pagamos 14 mil cruzeiros mensais de aluguel e ainda não podemos ajudar nas despesas, porque, com crianças pequenas, é difícil trabalhar."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha de São Paulo*Data: *09/07/82*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Mães querem que a creche seja aberta

"Se a creche já está pronta, por que ainda não está funcionando? Queremos trabalhar e deixar nossas crianças em lugar seguro." Odesabafo é de Maria do Socorro Silva, sete filhos, moradora em um cortiço, na Mooca e uma das inúmeras mães inconformadas com o descaso das autoridades, que ainda não inauguraram a creche localizada à rua Jaibará, ao lado da Administração Regional do bairro. De acordo com Maria, a construção do prédio foi concluída há três meses. Porém, até o momento, ninguém informou a data em que começarão suas atividades.

As moradoras da região esperavam que o ex-prefeito Reinaldo de Barros fizesse a inauguração antes de iniciar sua campanha para o governo do Estado. Como isto não ocorreu, voltam à antiga mobilização iniciada em 1979. Naquele ano, a Paróquia de São Rafael iniciou pesquisa visando conhecer as necessidades dos moradores. Após constatar a importância da construção de uma creche, várias mães pertencentes à paróquia começaram a passar um abaixo-assinado no qual ofereciam alternativas de endereços para a construção do estabelecimento.

DOCUMENTO

O documento foi entregue à Coordenação do Bem-Estar Social (Cobes) tendo o seu responsável na época, Wilson Quintella Filho, prometido que a creche estaria em funcionamento no início do ano passado. Paralelamente ao pedido, a Prefeitura alugou uma casa na Vila Bertioga (rua Ribeirão Branco) — um dos endereços indicados no abaixo-assinado

— informando aos moradores, segundo disseram, que o prédio seria utilizado para abrigar as crianças.

Novamente as expectativas das mães da Mooca foram frustradas pois, três meses depois de alugada, a casa passou a ser utilizada por um grupo de cantores líricos do Teatro Artur de Azevedo. Não houve maiores explicações por parte da Prefeitura, a não ser que seria mais viável construir um prédio próprio para a creche em vez de alugar um edifício particular.

No ano passado, teve início a construção do prédio ao lado da Regional. Está concluído agora, inclusive possui "play-ground" e brinquedos diversos. Seus portões permanecem fechados e, aparentemente, não há vigias no local.

PEDIR A QUEM?

Como já fiz anteriormente, um grupo de mães do bairro pretende solicitar a imediata inauguração da creche. Mas não sabem a quem recorrer. "Está difícil marcar audiência com o prefeito — explica Maria — e também não estamos conseguindo falar com a Cobes. O que podemos fazer?"

Enquanto esperam a tão prometida inauguração, Maria e suas companheiras de cortiço — calcula-se que 52 famílias vivam lá — contam as suas dificuldades. "Nós não temos condições de colocar as crianças em creche particular, o salário que nossos maridos ganham vão direto para pagar o aluguel do cômodo (Cr\$ 14 mil mensais) e ainda não podemos ajudar nas despesas porque, com crianças pequenas, é difícil trabalhar.

Programa familiar e demagogia

IREDE CARDOSO

Cristina Tavares, deputada federal pelo PMDB, respondeu com muita atenção à crítica infundada que aqui foi feita por mim, levada por notícia incompleta publicada em jornal. Na realidade, Cristina Tavares não só apresentou o anteprojeto de mudanças no Código Civil Brasileiro, para corrigir em nossa legislação todas as discriminações que atingem aquelas que se casam, como citou, nominalmente, as autoras do referido projeto, elogiando-as. Cristina manda um recado: "Como política e como mulher, estou bastante consciente de que, somando com o trabalho coletivo, chegaremos a contribuir para a organização da sociedade."

O que resta, portanto, a nós mulheres que, organizadamente ou não, lutamos pela igualdade de direitos entre homens e mulheres é enviar telegramas de apoio à deputada e, a todos os parlamentares, nossa mensagem de que queremos transformar um código, já que o que existe nos reduz, se casadas, a subalternas dentro de casa e fora dela. Pena é que a nossa Odorica Paraguaçu não se tenha dignado a responder. Aposto que ela nunca leu uma coluna de feminismo, em sua vida, com medo de deixar de ser "feminina". No que ela dá um péssimo exemplo, uma vez que sua "feminilidade" farfalhante e sua sonoridade de bijuterias (jóias, talvez?) nunca saíram em defesa da terrível situação em que se encontra a maioria da população feminina, no Estado (quando deputada), que

trabalha fora ou dentro de casa e fora e dentro de casa (o mais comum). Dona Odorica balançou seus balangandãs e vituperou contra os "comunistas", numa época em que a repressão era das mais negras, das mais amargas, contra todos os democratas. Numa época em que perdemos o Vlado, em que perdemos um pouco de nossa forte esperança no futuro deste País.

Como o Bem-Amado faz de tudo para acabar com o Jegue, expulsa posseiros, calunia opositores, metendo-se em ridicularias imensas e moralistas e acabará sendo o inaugurador, em pessoa, de seu cemitério sem defuntos, as Odoricas da vida também defenderão teses contrárias à mulher, à vida, aos chamados "pobres" e "oprimidos".

Sabemos que a consciência das mulheres está avançando de tal forma surpreendente que as assistentes sociais, trabalhando para o governo, estão às voltas com problemas de ética, no problema da aplicação do chamado programa "Pró-Família". Como se sabe, não é a primeira categoria de Trabalhadores, em sua maioria composta por mulheres, que esbarra, no seu dia-a-dia, com a ética profissional e, nessa questão, em algo que tem tudo a ver conosco: as que querem ter mais filhos, menos, nenhum. Para os médicos de São Paulo, é necessário fazer frente aos que defendem o controle de natalidade, travestido de "planejamento familiar" que é para eles velha idéia, agora rebatizada de Pró-Família, pelo governo deste Estado. E que foi por nós denunciado, como mulheres feministas, no primeiro momento.

A Comissão Científica do Sindicato, na qual estão mulheres também conscientes e presentes, condena o programa, por estar apenas sob a orientação do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, quando deveria ser discutido pela comunidade e assumido por outras Secretarias; por ser demagógico, eleitoral; porque o programa parte do princípio de que o crescimento demográfico não é a causa do subdesenvolvimento. E, acrescentamos, porque atinge mulheres desesperadas para não terem mais filhos, prevenidas pela miséria, que não sabem dos males e dos porquês do programa e de seu próprio desespero.

A propósito, sabemos que órgãos internacionais financiam projetos de controle da natalidade. E, por coincidência, num dos últimos números da revista "Diálogo", publicada pelo Consulado Americano, há interessante reportagem sobre um movimento conservador americano, cujo nome, imaginem, é "Pró-Família". Vale a pena ler. Porque os americanos não se acanham em contar o que pensam e por que propõem coisas. Eles, talvez, considerem ser povo mais maduro, mais inteligente, mais esperto, mais nutrido; talvez por isso não estejam interessados em disfarçar coisas que, aqui no Brasil, só quem pensa no quanto a mulher é atingida por esses problemas de natalidade e o quanto ele diz respeito à justiça social é que procura denunciar tudo aquilo que é escondido da maioria, por ignorância ou má-fé dos que estão no poder.

FSB 11/7/82

Secretaria da Família enfrenta sua primeira crise

JANE SOARES

A Secretaria da Família e do Bem-Estar Social, criada há menos de um mês pelo prefeito Antônio Curiati, já está enfrentando sua primeira grande crise. Quinta-feira, o secretário, tenente-coronel José Ávila da Rocha ameaçou enquadrar funcionários na Lei de Segurança Nacional — alegando terem denegrado a imagem do órgão — e exonerar os que têm cargos de chefia. As ameaças foram em consequência da participação de funcionários da Secretaria em debate realizado dia 29, na PUC, durante o qual foi denunciada a tentativa de mudar a política de assistência social da antiga Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes), com objetivos políticos e eleitorais, e de implantar métodos de controle da natalidade.

Por trás da crise, está o Pró-Família, um programa do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo (FASPG), elaborado na administração Paulo Maluf, e que, para algumas entidades, prega o controle da natalidade, a pretexto de "planejamento familiar". O programa, aliás, foi duramente criticado pelo Sindicato dos Médicos, que lhe dedicou o primeiro Caderno Simesp.

Os problemas da Secretaria serão objeto de novo debate às 8 horas de hoje, no auditório da PUC, com a presença de entidades como a Associação Profissional de Assistentes Sociais de São Paulo (Apassp), Movimento em Defesa do Menor, Movimento de Luta por Creches, Comissão Justiça e Paz e outros.

A denúncia de tentativa do uso de Cobes com fins políticos não é nova. Ela foi o principal motivo de outra crise, em meados de 1981, quando os funcionários diziam que a Prefeitura tentava transformar a Coordenadoria em cabo eleitoral do PDS, colocando em risco a primeira experiência de organização democrática de um órgão público. Nessa ocasião, as denúncias falavam em assistentes sociais demitidas, técnicos reconhecidamente capacitados afastados de suas funções e cooptação de representantes de movimentos de reivindicação popular através de contratações pela Prefeitura.

Além disso, os políticos do esquema de Reinaldo de Barros exigiam a demissão de outros funcionários e que as novas contratações deixassem de obedecer às regras de seleção estabelecidas, para que seus apadrinhados fossem favorecidos.

O que os funcionários defendiam era que a proposta de atuação política de Cobes, consolidada em 1979, fosse respeitada. Ela pregava a consulta e envolvimento da população na fixação das diretrizes a serem adotadas, de tal forma que todos pudessem ter participação nas decisões a serem tomadas, principalmente no que se referia à fixação da política social desenvolvida pelo órgão.

Os técnicos entendiam que nada deveria ser levado pronto para a população; que a atuação da Cobes necessitava ser descentralizada, de tal forma que as características de cada região fossem respeitadas; que houvesse sempre total democratização de informações. Neste contexto, as chefias foram escolhidas por seus subordinados sempre, considerando a proposta de trabalho fixada.

Se tal estrutura foi aceita por Teresinha Fram, que dirigiu a Cobes, as coisas começaram a mudar depois de sua substituição por Wilson Quintela, afilhado do ex-prefeito Reinaldo de Barros, que demitiu alguns supervisores, substituindo-os por outros e desrespeitando o sistema de eleição. Mas a estrutura do órgão sobreviveu à administração Reinaldo de Barros. O novo prefeito, Antônio Curiati, anunciou aos quatro ventos, desde sua indicação, a disposição de criar a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social, que englobaria a Cobes. Para ele, os objetivos definidos para a Coordenadoria, de atender às necessidades sociais de 4 milhões de habitantes da Capital, com renda de cinco salários mínimos, implantando creches e melhoramentos para a população favelada, eram ainda acanhados. Ele defendia a necessidade de maior atenção à família.

O Decreto 18.029, de 17 de junho, criou a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social (Fabes). Sem passar pelo crivo do Legislativo — ele não foi submetido à Câmara Municipal — as considerações apresentadas foram vistas com reservas pelos profissionais da Cobes, para os quais algumas posições eram, no mínimo, ultrapassadas. Mas — o que é pior — foi tomando vulto a desconfiança inicial de que a nova Secretaria fora criada para dar apoio político ao PDS e colocar em prática o Pró-Família. A situação foi agravada pelas notícias de que a Secretaria da Saúde, na gestão de Adib Jatene, ter-se-ia recusado a colaborar para a implantação do "planejamento familiar", alegando não contar com recursos suficientes para realizar o acompanhamento médico necessário.

Depois de uma reunião realizada na tarde de sábado, a Associação Profissional de Assistentes Sociais de São Paulo (Apaasp) voltou a denunciar os problemas do órgão. Segundo a presidente, Maria do Socorro Reis Cabral, ao lado da tentativa de comprometer definitivamente a filosofia até então adotada no órgão, a nova Secretaria preconiza o controle familiar sem criar uma estrutura de saúde que dê suporte às medidas preconizadas.

As críticas foram basicamente as mesmas do debate do dia 29. Para a entidade, além da visão moralista da família, mostrada no próprio decreto de criação da Secretaria, tentava-se atribuir a ela — ou à sua desagregação — a responsabilidade por problemas eminentemente sociais, como a toxicomania, a pornografia, o abandono da infância e da velhice.

Além do aspecto do "planejamento familiar", o Pró-Família, segundo a Apassp, tenta transferir para o núcleo familiar responsabilidades próprias do poder público. É citado, por exemplo, o capítulo da preservação do meio ambiente, que apresenta soluções individuais para filtração de água, ou sua cloração, construção de fossas ou queima do lixo, quando tais atribuições são do Estado ou da Prefeitura.

O Pró-Família recebe críticas ainda mais contundentes do Sindicato dos Médicos, ao denunciar que os métodos mostrados para estabelecer o chamado "planejamento familiar" trazem informações incompletas, omitindo dados importantes como os perigos do uso da pílula. A ênfase é dada aos meios definitivos de anticoncepção, ou seja, a ligadura de trompas, para as mulheres, e a vasectomia, para os homens, apontados como "os mais seguros para evitar a gravidez", e que apresentam como desvantagens os comentários de que "após a operação, a mulher (ou o homem) torna-se frígida (fria), não sendo verdade. Até há pouco tempo, a ligadura das trompas (ou a vasectomia) era irreversível; hoje, sabemos que com o avanço da Medicina a reversibilidade é possível em 70% dos casos" (cópia do Programa). Quem lê chega à conclusão de que, afinal, estes métodos não apresentam nenhuma desvantagem.

A presidenta da Apassp disse ainda que o programa relaciona o número de filhos com a existência de problemas sociais, como se estes fossem determinados por aqueles, esquecendo-se de que a política econômica e social do governo é o grande responsável por eles.

As cartilhas do Pró-Família estão prontas para serem distribuídas na periferia, enquanto técnicos da nova Secretaria afirmam que algumas clínicas já foram contratadas para colocar à disposição da população os meios de controle da natalidade. Verbas conseguidas no Exterior já teriam sido colocadas à disposição da Prefeitura para implementar o programa. A resistência dos funcionários da Secretaria à sua implantação é um dos principais fatores da atual crise.



Quintana continua candidato

Creches, 'idéia' do poeta Quintana como acadêmico

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

"Agora vamos falar de Hitler. Ele queria criar uma raça blônica. Cada arianzinho que nascia era considerado um super-homem, mas se ele tivesse mandado cada alemãozinho para uma creche, aí sim, em 25 anos, eles seriam super-homens e não uns blônicos." Assim, o poeta Mário Quintana, numa de suas raras entrevistas coletivas, ilustrou a grande vantagem de uma idéia que pretende desenvolver na Academia Brasileira de Letras, se eleito para a vaga de Raimundo Magalhães Júnior, e que anunciou como projeto principal no contato com cada um dos acadêmicos, como é praxe, para pedir votos. A grande intenção de Quintana é criar uma espécie de fundo para a implantação e apoio a creches, que ele classifica como um "sonho".

Na votação realizada a 1º de julho, Quintana não alcançou o número suficiente de votos para se tornar imortal, mas dentro de 120 dias haverá um novo pleito e ele espera um número maior de votantes. E, se eleito, pretende o apoio dos acadêmicos para sua idéia. Há muitos anos, Quintana defende essa tese e propõe que 0,5% do valor de cada livro seja destinado "para a alfabetização de o futuro da nossa sociedade, que depende das creches". Ele mesmo doou, há dois anos, os direitos autorais de seu livro mais vendido, "Pé de Pilão", para uma creche de Porto Alegre que tem esse nome. Quintana não pede o mesmo aos demais escritores, mas em qualquer entrevista ou contato que tenha sempre insiste na campanha de apoio às creches e para que se permita a todas as crianças o acesso aos livros. Quintana revelou que além do seu novo livro de prosa, que será lançado em Porto Alegre, pela LPM, nos próximos dias, já há outros prontos, um de prosa e outro de poesias, ainda sem editores.

Encontro Nacional do PT sobre o Movimento de Mulheres

Um passo decisivo

Parta n.º 1294
N.º do recorte

Jornal: **EM TEMPO**
1-14, 07, 1983
Data
Pág. 15

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Onze estados presentes, outros quatro pelo menos, ausentes apenas por falta de recursos, cerca de cento e vinte petistas reunidas. A própria realização do Encontro Nacional do PT sobre o Movimento de Mulheres já pode ser considerada uma vitória.

Para o movimento, significou sem dúvida um passo decisivo. Esta foi a primeira vez que lideranças representativas de todo o país se reuniram, na busca de soluções comuns e de uma compreensão coletiva do movimento. O próprio encontro, apontando como tarefa decisiva a construção do movimento pela base, demonstrou a importância do PT se articular para contribuir neste sentido.

Para o PT, um Encontro marcado pela preocupação de construir um partido mesmo, com propostas para o movimento. Foi talvez o primeiro momento na história do movimento operário brasileiro em que a vanguarda dos trabalhadores assume plenamente a luta das mulheres. É claro que esta é uma batalha apenas iniciada, e que muita discussão, muito trabalho ainda vai rolar antes que o feminismo seja incorporado pelo partido como um todo. E o Encontro demonstrou ter consciência disto, buscando cobrir a extensa pauta nos grupos e na plenária em um clima de tranquilidade e respeito.

As propostas e as polêmicas ficaram mais claras: qual a relação do PT com o movimento? Devemos buscar a formação de uma entidade unificadora das mulheres?

Os resultados do encontro foram iniciais. O próprio caráter das representações dos estados, sem delegação, uma vez que o encontro era aberto a qualquer petista, limitou muito as possibilidades de uma definição, tornando sem sentido votações, ainda que indicativas à direção do partido. Por esta razão, decidiu-se marcar um segundo, ainda antes do 8 de março de 83, e foi formada uma Comissão, composta por uma representante de cada estado presente, para preparar este novo encontro. O relatório das discussões sobre o movimento e as

Reunindo petistas de onze estados brasileiros, o encontro teve um significado histórico para o movimento de mulheres no Brasil e para o PT.

Por Marília Carvalho



eleições, praticamente ainda por elaborar, ficou a cargo da Comissão de Mulheres de São Paulo.

Apesar da heterogeneidade das experiências e da formação de cada uma, o encontro teve o papel importante de clarear algumas posições e explicitar as polêmicas presentes no interior do partido. Na discussão sobre a autonomia do movimento e as propostas organizativas, dificultada, sem dúvida, pela sua própria complexidade, ficou definido um posicionamento unânime contra as Federações e pela necessidade de uma organização de base do movimento.

O primeiro ponto polêmico foi quanto à relação do PT com o movimento, trazendo para o primeiro plano a discussão sobre que partido queremos construir. O PT deve ter propostas para os movimentos sociais, conquistar para a nossa visão petista o rumo destes movimentos, ou deve apenas refletir os movimentos sociais, no máximo sistematizando o que eles espontaneamente se colocam? E esta, sem dúvida, é uma polêmica que ultrapassa o movimento de mulheres e percorre hoje todo o partido.

O segundo ponto, que já discutimos no **EM TEMPO** (n.º 151), envolve a visão de como deve ser o movimento de mulheres a longo prazo. Para o momento, houve consenso em torno à proposta de Coordenações de Lutas, reunindo as mulheres a partir dos temas que elas hoje mais vêm sentindo. A polêmica se

estabeleceu em relação à visão estratégica do movimento: algumas companheiras são contra qualquer entidade permanente unificadora das mulheres. Posicionam-se hoje contra as Federações por identificarem, nelas uma entidade deste tipo.

Ligar as Comissões de Mulheres aos Comitês Unitários, um esforço de educação interna, eixos para nossa campanha eleitoral: nas eleições, o partido como um todo contribuindo para a organização das mulheres pela base.

Outras, entre as quais nos incluímos, são contra as federações hoje, pelo método como estão sendo construídas, pela ideologia que refletem e por não representarem um amadurecimento do movimento de mulheres como um todo. Quanto à unificação das mulheres, achamos que ela deve ser construída desde hoje e através, sim, de entidades, que são a única garantia de que as mulheres poderão decidir sobre os rumos do nosso movimento.

Estas polêmicas serão remetidas ao conjunto do partido através do relatório das discussões. Quanto ao papel das comissões de mulheres, o encontro foi unânime no apoio à formação de comissões nos diretórios, com o caráter de

assessoria ao partido, sem papel de intervenção externa no movimento enquanto comissões e sem o caráter de serem o canal de participação para o conjunto das mulheres petistas.

A discussão sobre as mulheres petistas e as eleições foi talvez a mais frutífera. Ficou clara a necessidade do partido como um todo compreender e incentivar a luta das mulheres, de todas os candidatos expressarem as nossas reivindicações e dos militantes contribuírem na organização do movimento pela base, aproveitando particularmente o momento eleitoral.

Para as comissões, foi definido o papel de educação interna, através de cartilhas que expressem "O ABC da Mulher" como a de iniciativa da Comissão de Mulheres do PT do Rio Grande do Sul, de seminários com os candidatos etc. As comissões devem assessorar o conjunto do partido, para isso trabalhando em contato estreito com os Comitês Unitários.

No sentido de contribuir para a concretização do objetivo principal do PT nas eleições — incentivar a organização dos movimentos sociais, no caso, o movimento de mulheres — foram aprovados alguns eixos centrais de luta, em torno dos quais centraremos nosso trabalho neste período: a questão do desemprego, atingindo a mulher principalmente pelo lado do subemprego; a luta por creches; a luta contra a violência; o direito da mulher de escolher ter filhos ou não e de poder criá-los dignamente; a luta contra a discriminação à mulher negra; e a luta pelo fim da educação diferenciada, que reproduz ao nível de cada consciência a desigualdade social entre homens e mulheres.

Ficou como ponto para a discussão mais ampla no partido a luta pela descriminalização do aborto, que o encontro não se julgou em condições de aprovar, embora não houvessem posicionamentos contrários na plenária.

Ao final, foi aprovada uma Carta às Mulheres, onde as presentes ao encontro conclamam as mulheres brasileiras a votarem no PT e a construírem um movimento de mulheres amplo, de base, como parte decisiva do movimento de libertação dos trabalhadores.



Nos próximos dias 3 e 4 de julho será realizado o 1º Encontro dos Trabalhadores Culturais do PT em São Bernardo do Campo. Aberto a companheiros das áreas de artes plásticas, teatro, artes gráficas, publicidade, música, arquitetura, cinema, fotografia, o encontro terá como centro a discussão de uma plataforma cultural para o partido. Será debatido também o tema "partido dos trabalhadores e partidos burgueses: duas estratégias políticas, duas estratégias de propaganda". O encontro será realizado à rua Newton Prado 76, na sede do diretório municipal do PT.

Retomar o espaço



Promovido por moradores e entidades do Bixiga, entre eles o núcleo do PT, o ciclo de debates "Retomar o espaço" visa retomar discussões que nos foram vedadas. A programação do ciclo é a seguinte:

- dia 14 - A pauperização de nossas condições de vida nos últimos 18 anos.**
 - dia 15 - As drogas no Brasil de hoje.**
 - dia 16 - Marginalização social.**
 - dia 17 - Grande feira cultural, com grupos de arte e teatro.**
- Todos os eventos serão realizados no Teatro Oficina, às 19:30 horas.
Diretório do PT de Bela Vista, rua Abolição 302 - SP.*

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Off. SPH*

Data: *14/07/82*

Pág.: *17*

Parte n.º

N.º do recorte

K41 Inseminação: mãe é punida *14/07/82 p. 17*

CHICAGO — O jornal The Chicago Tribune informou ontem que Joyce Kowalski, de 39 anos, mãe da primeira criança concebida por meio de inseminação artificial, com material fornecido pelo "banco de esperma de gênios", perdeu a guarda de dois filhos por maltratar as crianças. Ela e o marido, Jack Kowalski, também foram condenados à pena de prisão em 1978, por praticar vários delitos usando o nome de crianças mortas, por meio dos quais obtiveram cartões de crédito, números do sistema de assistência

previdenciária e referências bancárias. O casal ficou conhecido ao vender uma entrevista exclusiva à revista National Enquirer, contando como foi o processo de nascimento de sua filha Victoria, por inseminação artificial, com esperma supostamente doado por um professor de Matemática, de QI altíssimo. Em sua reportagem, The Chicago Tribune discute o procedimento adotado pelo "banco de esperma", do qual fazem parte ganhadores de prêmios Nobel, na escolha dos candidatos a "pais de gênios".

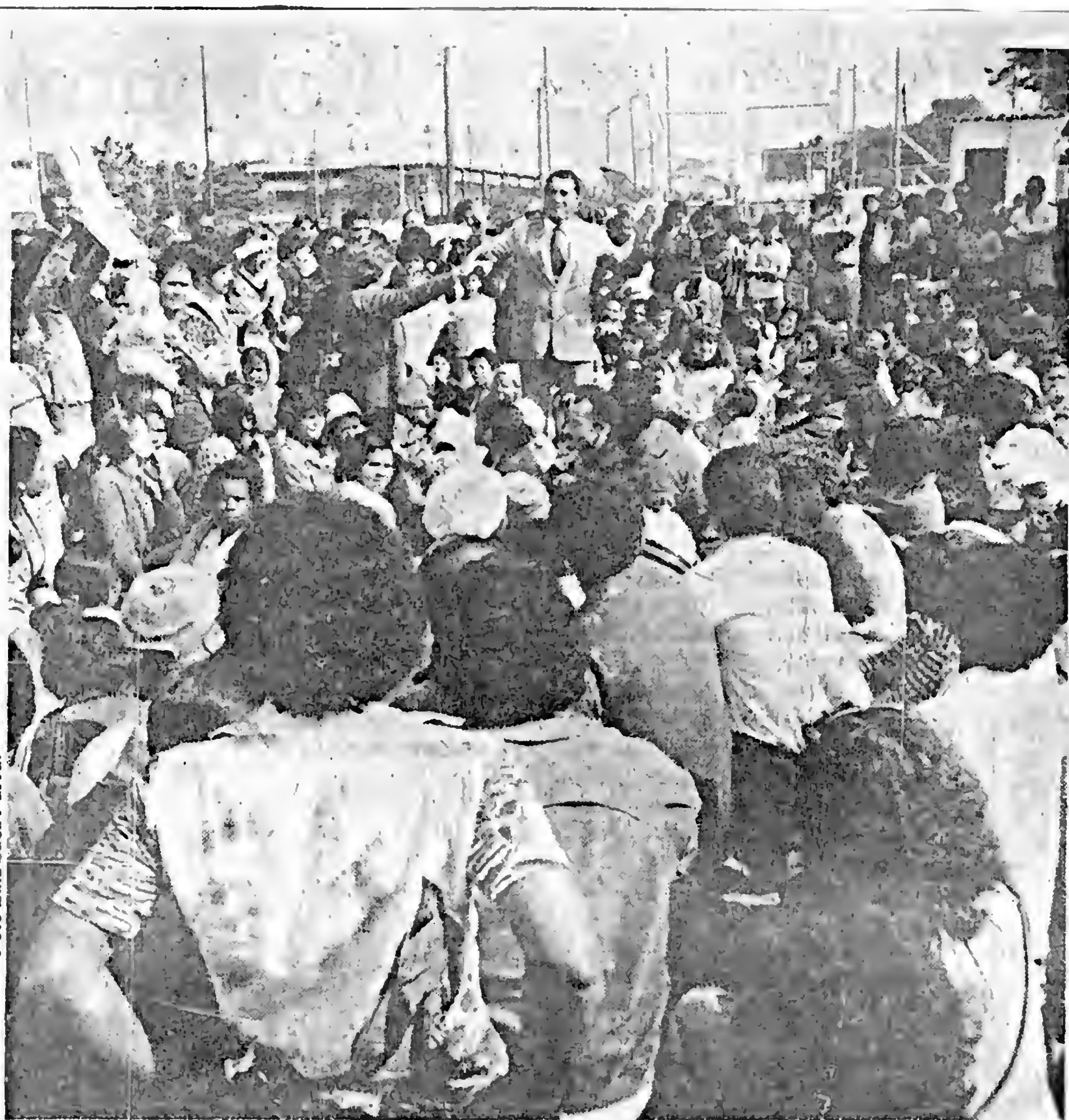


Foto Luis Saez Parra.

O coronel José Avila da Rocha conversa com os manifestantes no pátio da secretaria.

Manifestação contra Secretaria reúne 300 no Ibirapuera

Cerca de 300 pessoas — e não as 800 esperadas —, representando quase 100 entidades, participaram ontem de manhã de manifestação contra a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social (Fabes), na sede da Pasta, na rua Pedro de Toledo. O secretário José Avila da Rocha, que a princípio recusava-se a receber os manifestantes, acabou falando com eles, no pátio do prédio, quando reafirmou que o Programa Pró-Família não está sendo bem interpretado e voltou a defender a necessidade de se divulgar para todos os segmentos da população os métodos para evitar a gravidez.

“O Pró-Família — disse — ainda está sendo discutido no gabinete do prefeito, e não pode ser confundido com um programa de controle da natalidade. Os técnicos da Fabes irão participar das discussões sobre a viabilização do programa de ação a ser desenvolvido, que pode ser educativo”.

TENSÃO

A manifestação de ontem foi convocada na última segunda-feira, durante um debate realizado na PUC, quando decidiu-se protestar contra a criação da Fabes, a modificação de sua filosofia, o uso de sua estrutura em favor de políticos, a pressão contra funcionários e, principalmente, contra a implantação do Pró-Família, que defende o planejamento familiar.

Na porta da Fabes, ontem, o clima de tensão era garantido pela presença de um Tático-Móvel, estacionado no pátio

interno. Os portões estavam trancados e só foram abertos depois que os deputados Sérgio Santos e Geraldo Siqueira, do Partido dos Trabalhadores, falaram com o secretário, explicando que os manifestantes recusavam a sua proposta, de receber apenas uma comissão.

Enquanto o grupo esperava, já autorizado a permanecer no pátio interno, Avila da Rocha recebeu a imprensa. Defendeu o Pró-Família e explicou que não havia chamado as forças policiais que se encontravam na Secretaria — e que foram retiradas, a pedido do seu chefe de gabinete.

O secretário desmentiu que tenha ameaçado enquadrar funcionários na Lei de Segurança Nacional — alguns participaram da manifestação —, dizendo que somente alertou-os para o fato de que o incitamento à incidência coletiva “é um caso que até pode ser enquadrado na LSN”.

Ao falar com os manifestantes, Avila recebeu o documento elaborado pela Associação Profissional das Assistentes Sociais de São Paulo, que denuncia a mudança de postura da Secretaria e o caráter autoritário assumido pelo órgão. Avila foi aplaudido ao chegar e vaiado quando defendeu o Pró-Família. Retirou-se, após afirmar que não estava ali “para ouvir pedidos da Volkswagen” — frase que ninguém entendeu. Ali mesmo foi marcada a realização de outro debate sobre a Fabes, no próximo dia 22, às 20 horas, na PUC.

Pedro Del Picchia**A família**

FISP 17/7/82 p. 2

É grave a denúncia que a Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo vem fazendo a propósito da criação, em 17 de junho passado, da Secretaria Municipal da Família e do Bem-Estar Social, a chamada Fabes, por decisão intempestiva do prefeito-tampão Antônio Salim Curiati. E mais grave são as consequências que já se fazem sentir no interior do órgão em virtude dessa denúncia. O responsável pela Secretaria, coronel José Ávila Rocha, vem punindo e ameaçando de punição as assistentes sociais a ele subordinadas e que se solidarizaram com o protesto da Apassp.

Segundo a entidade, que congrega as técnicas e técnicos do ramo da Assistência Social, a nova Secretaria é concebida no âmbito de uma filosofia que renega os direitos sociais conquistados e pagos pela população, privilegiando em contrapartida as ações filantrópicas e assistencialistas. Diz manifesto elaborado pela Apassp que a Fabes "reduz a população, de cidadãos, trabalhadores, manifestantes de interesses e soluções, a moradores, indivíduos incapazes, dependentes, mendigos carentes de albergues".

A criação da Secretaria da Família determinou de imediato uma mudança de curso nos projetos desenvolvidos pela antiga Coordenadoria do Bem-Estar Social, Cobes, que se pautavam por uma permanente interação entre a autoridade pública, representada pelo órgão, e a sociedade, representada pelas comunidades atendidas. A prática democrática na vida da Cobes foi um fato permanente que sobreviveu, inclusive, à administração Reinaldo de Barros, a todo custo empenhada em reverter a ação do setor de assistência social do município em benefícios políticos e eleitorais para a figura do prefeito e para o seu partido, o PDS. A própria Apassp reconhece no seu manifesto que "a programação da Cobes tinha sido uma conquista dos movimentos populares", ou seja, que a extinta Coordenadoria trabalhava intimamente ligada à comunidade e — o que é mais importante — em sintonia com interesses emanados das forças sociais.

Outra implicação da criação da nova Secretaria é o simultâneo surgimento de um Conselho Municipal de Auxílio e Subvenções, segundo o manifesto da Apassp, "diretamente ligado ao Gabinete do Prefeito e colocando as entidades sociais à mercê dos interesses dessa instância política do governo". Nas palavras de Mário Covas, presidente do PMDB paulista, que discursou em recente ato promovido pela Associação das Assistentes Sociais, no Tuca, a criação desse Conselho de Auxílio e Subvenções pode abrir estrada ao aparecimento de uma espécie de "cheque especial Prefeitura", na medida em que se poderá tentar regular a atuação dos movimentos sociais através da barganha com verbas e dotações oficiais destinadas a institutos e associações de assistência social.

Um terceiro aspecto do nascimento por decreto do Executivo, sem exame por parte do Legislativo, da Secretaria Municipal da Família refere-se às "articulações para a implantação de um programa de planejamento familiar, visto como solução para a situação de pobreza da população", conforme afirma o documento da Apassp. As assistentes sociais receiam que a Fabes se transforme no conduto para a implantação do Programa Pró-Família, gerado pelo Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo do Estado e que, de acordo com estudos feitos por entidades como o Sindicato dos Médicos de São Paulo, objetiva impor o controle da natalidade às faixas mais pobres da população. É de se recordar que a própria Secretaria Estadual da Saúde recusou-se sempre, durante a gestão Adib Jatene, a assumir a implantação do Pró-Família. Por isso, pensam as assistentes sociais que o prefeito Curiati, declarado entusiasta do Programa, pretenda patrocinar sua implantação via Secretaria da Família.

Família, tema em discussão F/SP 25/7/82

IREDE CARDOSO

A questão do planejamento familiar continua fervendo, em São Paulo, com a criação de uma Secretaria da Família e do Bem-Estar Social, este que parece, ao que tudo indica, ser o instrumento público direto, para governo não representativo da população, de uma política de controle da natalidade. Como lamentamos que brasileiros sejam tão inconscientes a ponto de formular teses, com inocência aparente, claramente destinadas a prejudicar nossa população, impingindo-lhe programas absolutamente desligados da realidade político-econômica em que vivemos, especialmente da mulher da periferia.

O programa Pró-Família, surgido no governo Maluf, continua tentando sua implantação. Para isso, evidentemente, ele vai precisar de pessoas nas quais não está registrado dado algum sobre a situação da mulher. Pessoas alienadas, inconscientes. A Secretaria da Família deveria mudar de nome. Deveria chamar-se da Família pequena para o pobre, o culpado, para eles, pela pobreza. Da cartilha original, cheia de erros crassos e ofensivos, parte-se para um programa mais sofisticado, com as mesmas intenções iniciais.

Sabe-se que, em 24 anos de uso da pílula anticoncepcional, morreram 100 mil mulheres vitimadas por essa droga. Do ponto de vista dos que defendem o controle da natalidade a qualquer custo, essas mortes nada significam. Basta lembrar que no Brasil, ainda segundo as estimativas da ONU, morrem 400 mil mulheres por ano, vitimadas pelo aborto feito

em condições as mais precárias. Que são cem mil mulheres mortas em 20 anos? Nada. Mas, perguntaríamos, você, leitora, gostaria de ser essa vítima? Sua vida, estatisticamente, não é nada. Mas uma vida, a vida de cada um de nós é o único bem de que dispomos, a vida somos nós.

O interessante é que os poderes públicos têm muitos e muitos meios para informar a população sobre a sexualidade, de forma simples, através de cursos que são mantidos pela própria ex-Coordenadoria do Bem-Estar Social. Não é preciso ir às favelas distribuir pílulas. É preciso ensinar o povo a ter alegria e abundância; dar às mulheres condições de terem um amor mais próximo daquilo que se sonha ser amor. Falar do direito ao prazer do amor e, é claro, informar sobre as formas de evitar a gravidez, com todas as precauções médicas necessárias, sem omitir a problemática econômica, a injustiça crescente que se comete contra a população e, em especial, contra a mulher.

É raro encontrar uma mulher que esteja tomando pílulas, que tenha conhecimento de que ela deve ter assistência médica com a maior frequência, para saber se não está correndo risco de vida ou assumindo outros riscos não menos sérios para sua saúde futura. É preciso perguntar por que a pílula tanto se popularizou, beneficiando multinacionais, quando há outros métodos eficientes e também econômicos. É preciso ainda perguntar se é justo distribuir pílulas às desesperadas mulheres "pobres", às quais não são dadas as mínimas condições de sobrevivência.

E a questão da mulher, da gravidez, do anticoncepcional, dos filhos, da família, evidentemente, está ligada a uma situação econômica insuportável, neste País. País onde não se coloca esgoto, porque não dá votos. País onde, embora seja proibido, o DIU é colocado sem as menores atenções médicas provocando hemorragias, cânceres, abortos e infecções perigosas. País onde as índias manauaras da periferia da Capital amazonense serviram de cobaias para anticoncepcional japonês, que as esterilizava, segundo denúncia levada ao papa João 23, por ocasião de sua passagem pelo Brasil. O motivo da esterilização? Torná-las trabalhadoras mais eficientes, sem problemas com a família. País onde uma índia, depois de dar à luz a gêmeos, sofreu laqueadura das trompas, com elogios da Funai porque seu parto não foi de cócoras. Laqueadura feita por médicos, sem o consentimento dessa mulher considerada "irresponsável", provavelmente por ser índia.

Nós, mulheres, não queremos deixar de saber como evitar filhos. Mas temos todo o direito de saber por que não podemos ter todos os filhos que gostaríamos de ter. E qualquer programa de planejamento familiar tem — eu disse "tem" — que contar com a colaboração de mulheres informadas, não só sobre problemas biológicos ou técnicas anticoncepcionais. Mulheres cheias de amor ao povo, com consciência política suficiente para levar a informação democrática à população. E, certamente, perdoem-nos as exceções — essas mulheres não se encontram no governo.

Sr. prefeito, *26,07.82*
**E as creches para
funcionárias?**

J. Brasil 26/7/82
Sr.: "Sou funcionária pública e trabalho no prédio junto ao gabinete do sr. prefeito.

Desde que entrei para o funcionalismo ouço rumores de que vão fazer um berçário-creche para as funcionárias. Pois é, entrou ano, saiu ano, e nada para nós. Ficamos esquecidas.

Depois veio o dr. Reynaldo de Barros com sua campanha "Creche ao alcance de todas". Ficamos entusiasmadas, afinal alguém iria fazer vingar a lei que tanto esperamos ser cumprida.

Fomos até falar com dona Maria do Carmo, esposa dele, que trabalhou no Corpo Municipal de Voluntárias com uma lista de mais de 70 mães. E a lei só pede 30.

Pois é, entrou ano, saiu ano, e nada. Fomos novamente esquecidas.

Pago do meu salário 40% em um berçário para cuidarem da minha criança por apenas meio período.

Pergunto agora ao novo prefeito: seremos novamente esquecidas?" S.T., Capital.

Numa casa com muito amor

O atendimento a cada criança que chega com uma história de carência e abandono



Diariamente, são consumidos 162 litros de leite 'in natura' e 24 latas de leite em pó



O presidente da Feem, Jesse Torres, com Margarida Neves Abrantes, diretora da Casa de Marieta



O GLOBO
26/1/82

A capacidade ideal de atendimento seria para 180 crianças, mas este ano a casa não ficou um só dia com menos de 300

Um casarão com importância histórica

Encravada no alto da Ladeira do Ascurra, no Cosme Velho, a Casa de Marieta Chagas Freitas está instalada num grande casarão secular e de importância histórica, construído na encosta do Corcovado para servir de residência ao general holandês Dirk Van Hogendorp. Ex-lugar-tenente de Napoleão, o holandês foi talvez, no início do século passado, o primeiro grande fazendeiro de café do Rio de Janeiro. Anos mais tarde, a casa foi transformada em residência de verão da Presidência da República e Getúlio Vargas se hospedou lá diversas vezes. Atualmente o imóvel pertence à Funabem. —

que o usou até 1972. Lá mantinha a Escola Feminina de Artes e Ofícios, com 60 menores adolescentes e ginásianos. Naquele ano, o imóvel foi cedido à Feem, que ali instalou uma casa de triagem para crianças de sexo masculino até seis anos e do sexo feminino até 13 anos. O nome Casa de Marieta Chagas Freitas foi dado, na época, em homenagem à mãe do governador Chagas Freitas. Desde então, Margarida Abrantes é sua diretora. Com a fusão do Rio com o Estado do Rio, em 1975, a Casa passou a receber menores de todo o Estado e apenas na faixa de zero a cinco anos.

ALBERT ALCOULOUMBRE JR.

Diariamente elas vão chegando, de todos os pontos do Estado, encaminhadas por juizados de menores, delegacias policiais, pela Rede Ferroviária Federal ou através da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) e da Fundação Estadual de Educação do Menor (Feem). São crianças brancas, pretas, de ambos os sexos, com idades até cinco anos — e todas levam para a Casa de Marieta Chagas Freitas uma história de carência e abandono. Muitas foram encontradas famintas nas ruas ou foram deixadas em maternidades de hospitais públicos, portas de apartamentos e até em lixeiras. De algumas, quando chegam, não se sabe sequer o nome, ou a idade. Mas logo se verifica que estão invariavelmente subnutridas, verminóticas, com piolhos e sarnas.

Este é o contingente — que se renova a cada dia — da Casa de Marieta Chagas Freitas, único Centro de Recepção e Triagem da Feem para crianças dessa faixa de idade do Estado, em situação irregular. A Casa tem um problema crônico de superlotação: embora sua capacidade ideal de atendimento seja para 180 crianças, não teve um só dia, este ano, com menos de 300. Mas, ainda assim, cumpre seu objetivo básico — segundo seus dirigentes — e, este ano, já reintegrou mais de 150 menores às próprias famílias, tendo encaminhado outros tantos a educandários particulares contratados.

Por se tratar apenas de Centro de Recepção e Triagem, a Casa de Marieta abriga crianças por tempo relativamente curto, uma média de três meses, período em que é feito completo estudo do menor, envolvendo a tentativa, em muitos casos frustrada, de encontrar sua família, um rigoroso controle médico e desenvolvimento de atividades recreativas. Após esse período, a equipe de profissionais da Casa apresenta à Feem e ao Juizado de Menores o seu parecer sobre o caso de cada criança, definindo se deve voltar à sua família, ser encaminhada para uma escola de permanência ou ao serviço de recolocação familiar, em que fica à espera da adoção ou de um lar substituto.

— Quantas crianças nos chegam, tantas somos obrigadas a receber — diz a pedagoga Margarida Neves Abrantes, diretora da Casa de Marieta — já que somos a única unidade de triagem para crianças nesta idade. Recebemos, em média, quatro crianças por dia, ou 1.200 por ano. A superlotação nos cria problemas bastante sérios pois, quanto maior o número de crianças, menor a qualidade do atendimento, uma

vez que o quadro de pessoal permanece inalterado. Somos obrigados a colocar mais de uma criança num mesmo berço, aumentando, assim, a possibilidade de contaminação, de doenças, e diminuindo a individualização. Procuramos superar esses problemas agilizando os estudos de cada caso.

A superlotação, segundo o presidente da Feem, Jessé Torres, "não se resolve".

— Suas causas são externas à Fundação. De nada adiantaria fazermos um segundo centro de triagem. Teríamos de duplicar o pessoal, duplicar todo o sistema de retaguarda e, provavelmente, a superlotação não acabaria. E consequência de problema eminentemente social e econômico. Com mais escolas, mais saúde e mais empregos, nossa clientela iria se reduzindo, até se situar em faixa mantida sob controle, como acontece em outros países. Aqui, entretanto, a faixa de miséria aumenta além de todo o controle.

— As crianças — prossegue Jessé — nos chegam como *fato consumado*, carentes, sujas, ultravulneráveis a qualquer doença. Para que se tenha uma idéia, apesar de todo nosso atendimento, cinco por cento das crianças que aqui chegam, morrem. Alguns pais, quando percebem que o filho está gravemente doente, o abandonam para não terem de pagar o enterro. As crianças

chegam realmente "na última hora". Conseguir recuperar 95 por cento delas é um excelente resultado.

Na Casa de Marieta não se encontram apenas crianças abandonadas, mas também as que estão em situação irregular, aquelas cuja família não tem condições de lhes dar um mínimo de assistência. Explica Margarida:

— Em muitos casos, a própria família procura a Feem, pedindo atendimento para o filho, enquanto tenta sua condição. As vezes, é uma família cujo barraco desabou, ou cujo chefe está momentaneamente sem emprego. Logo que estiver novamente em condições, recebe o filho de volta. Há também os casos de denúncias de maus-tratos, que a Feem se encarrega de averiguar.

O menor, segundo Margarida, chega à Casa de Marieta "extremamente traumatizado pela separação do ambiente familiar".

— E, muitas vezes, uma criança que não traz nenhuma informação. Não sabe falar e nem seu nome podemos saber. Nestes casos, escolhemos um nome e colocamos uma pulseira de esparadrapo em seu braço, com a nova identificação. Imediatamente, o nosso serviço social é acionado, para tentar levantar o maior número de dados possíveis sobre aquela criança, fazendo investigações junto às fontes de procedência.

As primeiras 48 horas do

menor na Casa de Marieta são passadas na sala de pré-triagem.

— Ficam o tempo necessário — diz Margarida — para que sejam conhecidos os resultados dos exames laboratoriais, clínicos e radiológicos, pedidos por nossos médicos. O estado de higiene e saúde das crianças que chegam é precaríssimo. Cem por cento são verminóticas, 90 por cento desnutridas e 80 por cento portadoras de piolhos e diferentes lesões de pele. Depois do primeiro banho, chegam a mudar de cor. Para evitar qualquer problema de transmissão de doença, são mantidas na pré-triagem até se saber o resultado dos exames.

Uma vez constatada qualquer doença contagiosa, a criança portadora será transferida para um pavilhão de isolamento, inaugurado ontem pelo governador Chagas Freitas. O pavilhão foi construído onde antigamente existia uma capela. Tem capacidade para 16 leitos e, além de sistema de refrigeração, enfermaria e banheiros.

Após serem liberadas da pré-triagem, por determinação médica, as crianças passam a frequentar "grupos de iguais", explica Margarida:

— Nós temos três pavilhões com turmas em que as crianças são agrupadas de acordo com seu desenvolvimento psicomotor e físico. A idade não é elemento primordial, mesmo

porque, muitas vezes, não sabemos quantos anos tem a criança.

O pavilhão 1 é reservado às crianças até dois anos presumíveis. São oito berçários, com um grupo de iguais em cada. Silenciosas, quando sozinhas, se animam à entrada de qualquer pessoa. O nível de carência afetiva é tamanho que eles se mostram totalmente receptivos e ansiosos por qualquer manifestação de carinho. Todas sorriem, procuram tocar, se aninhar nos braços de quem chega. Normalmente, a saída do visitante é marcada pelo protesto de um violento choro. A presença das enfermeiras e auxiliares de educação é também sempre bem-vinda, pois significa a oportunidade de ter alguns momentos de carinho, enquanto as funcio-

nárias trocam os lençóis sujos, as fraldas e lhes dão banho.

Nos pavilhões 2 e 3, em que ficam as crianças já capazes de andar, a recepção aos visitantes não é menos calorosa, principalmente quando a visita é masculina. Mais acostumada à figura da mãe, e também com o maior número de funcionárias mulheres, quando surge um homem é imediatamente cercado. As crianças todas, às dezenas, fazem questão de permanecer de mãos dadas com ele. Outras o abraçam pelas pernas, agarram-se às suas calças. Ainda outras se contentam em lhe afagar o braço, exibindo um sorriso meio alegre, meio triste, a espera de uma retribuição. Muitas, sem dúvida, alimentam o desejo de poder sair dali e, quem sabe, vol-

tar para suas casas, na companhia dos pais, ou pelas mãos de alguém que as queira adotar.

De maneira geral, segundo Margarida, cerca de 15 por cento das crianças que chegam ao centro de recepção são consideradas abandonadas. É o caso daquelas que não foram procuradas pelos pais, e sobre quem não se conseguiu levantar nenhuma informação. São encaminhadas para o Serviço de Recolocação Familiar da Feem, que tenta providenciar a adoção ou um lar substituto. Cerca de 20 por cento das crianças são reintegradas à família, enquanto o restante, na maioria, é enviado para as escolas de permanência. Lá, podem ficar até completar 18 anos, caso suas famílias continuem sem condições ou mesmo não as queiram receber de volta.

Durante o tempo em que permanecem na Casa de Marieta, as crianças são atendidas por três médicos, um dentista, um psicólogo, uma nutricionista, cinco assistentes sociais, três recreadores e 77 auxiliares de educação, além de estagiários do Serviço Social, de Psicologia e Musicoterapia.

— Tudo é feito para dar à criança as melhores condições possíveis, para poder ser transferida para uma escola de permanência, volta para junto dos pais ou ser adotada. É um trabalho muito difícil. As vezes, temos de compensar em três meses uma subnutrição de três anos, sem falar nas doenças, no retardamento do desenvolvimento psicomotor.

A labuta com a limpeza e o preparo da comida

O nível de higiene na Casa de Marieta é elevado. Os berçários são todos arejados e funcionárias se revezam 24 horas por dia na troca de fraldas e roupas de cama. A lavanderia funciona sem parar, com enormes lavadoras, centrifugas, secadoras, esterilizadoras e uma calandra que lavam, secam e passam, diariamente, 700 toalhas, 1.500 fraldas, 600 lençóis, 250 cobertores e quase mil uniformes. As atividades na Casa de Marieta podem, inclusive, ser medidas também pelo consumo semanal de alimentos: 120 kg de feijão, 190 kg de arroz, 200 kg de carne, 26 kg de carne

moida, 27 kg de fígado, 15 kg de bucho, 90 kg de peixe, 130 kg de frango, além de grandes quantidades de legumes, frutas e verduras. Diariamente, são consumidos 162 litros de leite *in natura* e 24 latas de leite em pó. Todo este material é usado nas diversas dietas preparadas por uma nutricionista para atender às necessidades de cada grupo de crianças. Na área de medicamentos, o consumo não é menor. Cerca de 155 litros, 740 frascos e 830 ampolas de medicamentos dos mais diversos são gastos diariamente, além de sabonetes especiais e diferentes pomadas.

CRECHE MANTERÁ BOM ATENDIMENTO,

GARANTE ÁVILA

"Garanto a todas vocês que o atendimento às crianças e a atenção a elas dispensada será a mesma e até melhor do que os recebidos até agora. A nova diretora está extremamente qualificada para exercer o cargo para o qual foi nomeada." Estas garantias foram dadas ontem pelo secretário da Família e do Bem-Estar Social do Município, José Ávila da Rocha, a cerca de 25 moradoras da região de Pirituba-Perus, que deixam seus filhos, diariamente, na Creche Jardim Monte Alegre, localizada na confluência das ruas Estevão da Gama e Visconde Antônio Geraldo Lima.

As mães estiveram na sede daquela Pasta para protestar contra a exoneração, quinta-feira última, da diretora Iliana Moreira, que será substituída por Doralice Rodrigues Nobre. Segundo elas, a "enfermeira Elza" (auxiliar de enfermagem Elza Ferreira Nunes Smuk), que trabalha na creche, "fez a cabeça de todo mundo", como disse dona Eva de Fátima Souza, que deixa seus filhos de seis, três e um ano ali. Ela afirmou também que a enfermeira "contou às mães que a nova diretora é

"apadrinhada de um político do PDS" e elas não querem que seus filhos sejam "cabos eleitorais".

O secretário Ávila explicou, porém, que a mudança foi "única e exclusivamente de ordem administrativa. Aliás — esclareceu — esses remanejamentos em cargos de confiança são comuns a todas as secretarias municipais e estaduais".

O secretário, após dar várias vezes as mesmas explicações às mães, teve que se retirar da sala de reuniões, de seu gabinete para atender a outros compromissos importantes, pois havia adiado dois encontros com entidades de moradores de outros bairros, previamente marcados. Antes de se retirar, disse a todas que estaria sempre pronto a ouvir quaisquer reclamações que tivessem a respeito do trabalho da nova diretora, que ainda não assumiu o cargo, mesmo que elas comparecessem à sede de sua Pasta como fizeram ontem, "sem marcar previamente uma audiência."

Pediu, também, que por favor, não façam pré-julgamentos tão comuns dos seres humanos, e aguardem para ver o trabalho da nova diretora, antes de levarem queixas".

Todas elas deixaram transparecer que estavam muito bem instruídas e, até, negaram-se a dar qualquer informação à reportagem da FOLHA DA TARDE; sem verem a credencial de jornalista. Dona Elza Rameiro, que tem uma filha de três meses na creche e parecia liderar o movimento, exigiu a credencial e nem ao menos disse seu nome, antes de ver o documento.

A creche Jardim Monte Alegre tem capacidade para atender a 120 crianças. Segundo as mães presentes ao encontro, que representam apenas 30% do total, as demais "não vieram porque foram compradas pela nova diretora", que ainda nem assumiu o cargo.

A saída do secretário da sala de reuniões para atender também a um telefonema urgente do prefeito Salim Curiati foi usada por uma repórter de uma rede de televisão presente ao encontro, que não lhe poupou críticas, e disse, mesmo, que ele se negara a dar explicações ao povo. Na verdade, o secretário Ávila, como fizera na semana passada, quando atendeu a cerca de 200

pessoas que se intitulavam representantes de entidades e associações de favelados e de Sociedades Amigos de Bairros, no pátio da sede da sua Pasta, deu todas as respostas às perguntas que lhe foram feitas pelas mães e pela repórter, demonstrando muita cordialidade e boa-vontade e até adiando compromissos que constavam de sua agenda. Além disso, ao sair, deixou seu chefe de Gabinete, José Roberto Soares Belisário, encarregado de dar quaisquer outros esclarecimentos solicitados pelas mães e de receber o abaixo assinado, contra a mudança na direção da creche.

Segundo Eva de Fátima Souza e Vera Lúcia Rodrigues, duas das mães, a "enfermeira Elza" disse que a nova diretora não aceitará mais de uma criança de cada família e mudará para pior o atendimento da creche, fator negado veementemente, pelo chefe de Gabinete, José Roberto. Por esse motivo, elas resolveram, após várias reuniões, ir à Secretaria da Família e do Bem-Estar Social para pedir ao secretário José Ávila da Rocha explicações sobre a exoneração da diretora Iliana.

Osasco quer fechar sua F/SP 21/2/82 nova creche

O novo prefeito de Osasco, Primo Borseghini (PDS), "está ameaçando fechar uma creche mantida pela comunidade do Jardim Veloso", segundo denúncia de mães à "Folha Emergência", Isaura Boiça Costa, do Clube de Mães, afirma que a creche funciona "com alimentos conseguidos entre os moradores. Atendemos aqui onze crianças cujas mães trabalham fora e não têm onde deixá-las. Também somos donas de casa e trabalhamos aqui sem ganhar nada, como voluntárias, para ajudar quem precisa". A mulher do prefeito, Maria Borseghini, garantiu ontem que a creche não tem condições de funcionamento e que a Prefeitura não tem dinheiro para mantê-la.

A creche, segundo as mães, foi inaugurada no último dia 6 de junho pelo então prefeito Guaçu Piteri, que prometeu fazê-la funcionar a partir de 23 de junho. "Adiaram para o dia 29 e nada. Fomos à Prefeitura e dona Maria Borseghini prometeu que entraria em funcionamento dentro de vinte dias. Hoje apareceram funcionários da Prefeitura dizendo que iam fechar porque não havia dinheiro para manter isto aqui", contaram elas, ontem à tarde.

INSCRIÇÕES

Poucos dias depois da inauguração, segundo as mães, foram abertas as inscrições e houve 126 pedidos de vagas. As onze crianças que obtiveram a vaga foram escolhidas "entre as mais pobres, cujas mães trabalham fora", disse Isaura Boiça.

As voluntárias do Clube de Mães admitiram que "realmente a creche está muito ruim. É muito pequena e não tem berçário, refeitório e banheiro. mas o antigo prefeito prometeu que iria reformar a casa e nós estamos esperando que o novo prefeito o faça. Fomos nós que conseguimos achar essa casa para a Prefeitura alugar e não há outras disponíveis no bairro. Queremos ficar aqui mesmo".

Maria Borseghini, no entanto, acha que a casa é um perigo. "Há um poço no quintal que pode dar problema. Acho mesmo que se o Juizado de Menores visse as condições da casa nos obrigaria a fechar."

No final da tarde, o secretário de Promoção Social da Prefeitura, Jorge Kfoury, prometeu resolver o problema e marcou uma reunião com as mulheres do Clube de Mães, para a noite. Propôs, no entanto, que o diálogo fosse com apenas dez mulheres, "para não dificultar". Maria Lucimar Farias da Silva, do Clube de Mães, afirmou que as mulheres preferiam que a reunião fosse feita na igreja, com a comunidade, "para todo mundo saber o que vai acontecer e qual será a solução".

As crianças carentes e abandonadas (de agora e do futuro) que o Lar Nossa Senhora da Consolação acolher nas próximas gerações têm assegurado um amplo lugar para correr e brincar. Após 14 anos, Deus ouviu as preces e a Prefeitura os pedidos da irmã Irene Alves de Souza: o terreno de 957 metros quadrados na rua Gravataí, uma rua sossegada em pleno centro da cidade, é delas por 40 anos.

A irmã já sabia que isso ia acontecer. No último dia 19 de março, quando festejava a sua boda de diamantes, ou seja, 60 anos dedicados à Igreja, ela foi informada de que o então prefeito Reynaldo de Barros havia encaminhado projeto de lei à Câmara Municipal propondo a doação do terreno à sua obra assistencial.

Ontem, sentada na sua escrivaninha, sob a janela de onde vê a rua e controla o movimento das crianças, durante sua rotina diária de receber donativos e distribuir benefícios, ela viu confirmada sua expectativa. Remexeu na gaveta à procura de alguma coisa e explicou, sorrindo: "Agora estou ficando velha. Já preciso de óculos para ler".

E imediatamente pôs-se a fazer planos. No parquinho — um terreno de areia com escorregador, balanço, outros brinquedos muito velhos e dois bancos de pedra — vai mandar construir um recreio, salas para aulas de artesanato e talvez para o berçário.

Isto porque, resolvido o problema da habitação (há um ano a freira conseguiu reunir os Cr\$ 30.800 mil necessários à compra dos cinco sobradinhos onde vivem as 280 crianças e adolescentes de zero a 18 anos, e do lazer, permanece o do berçário. Só no aluguel da casa na rua Caio Prado, onde vivem os bebês, gasta mensalmente Cr\$ 78 mil. Para alimentar tantas bocas, e pagar os 16 funcionários que a ajudam nessa tarefa, mais uns Cr\$ 900 mil. E a subvenção que recebe da Prefeitura é de exatamente Cr\$ 501.018.

Mas ela não se aflige. "O meu banco é a Divina Providência, um banco especial representado pela generosidade do povo de São Paulo".

O Lar Nossa Senhora da Consolação, que mantém há 15 anos, começou "sem a gente pensar". Quando veio de Paraíba, interior de São Paulo — depois de fundar, recuperar ou administrar muitas outras comunidades por várias cidades onde andou em missão religiosa — trouxe quatro meninas que haviam terminado o ginásio e queriam continuar estudando. Onde colocá-las?

Depois de muita oração, o sobrado vizinho ao 107, onde vive com mais três irmãs da Ordem de São Vicente de Paula, vagou. E todo dia chegava alguma mãe solteira, algum pai separado: "Irmã, tome conta do meu filho"; "Irmã, deixe esse menino um pouco aí".

A medida que aumentava o número de crianças, mais Deus era solicitado. Não só Ele. Nossa Senhora das Graças também foi chamada a intervir. "As medalhinhas bentas colocadas nas portas dos sobrados vizinhos fizeram o milagre." As casas foram vagando uma a uma. Hoje, metade da avenida de sobrados amarelos pertence ao Lar.

Em setembro de 1968 o terreno baldio em frente foi invadido pela alegre algazarra das crianças. Precisava só oficializá-lo como parquinho, coisa que o então prefeito Faria Lima prometeu fazer. A freirinha voltou à Prefeitura, pediu, pediu. "Deram fim nos meus papéis." Em novembro de 1977 o prefeito Qlavo Setúbal doou o terreno à Associação dos Produtores Teatrais para construção de um teatro e sede social. Irmã Irene botou a boca no mundo e chamou Nossa Senhora das Graças de volta à cena: "Ah, botei medalhinha no terreno todo".

A vovó Irene

Menina ainda, a futura freira — terceira de 15 irmãos — já dava aulas à criançada do bairro, em Fortaleza, onde nasceu. "Sabia ler, sim, meu pai era muito exigente. Com cinco anos a gente já sabia ler, escrever, contar, tocar piano e falar um pouco de francês." A sua vocação, ela já sentia, era cuidar dos pobres, ser irmã de caridade.

Estudou Letras no Rio de Janeiro. Fez o noviciado em Paris, na sede da Ordem. E lá estava irmã Irene cuidando de crianças órfãs numa Europa arrasada pela I Grande Guerra. Aos 31 anos começou a ser chamada de avó. "Tomei duas crianças para criar e elas queriam me chamar de mãe. Então eu disse: Mãe a gente só tem uma que é aquela que nos dá a vida. Vovó pode ser."

Cabelos totalmente brancos, baixinha, gorducha, olhos castanhos muito vivos, um rosto bom, um riso de quem está em paz, vovó Irene completa 82 anos em outubro. Sabe o que isso representa e se cuida pois pretende viver muito mais. "Não quero ficar esclerosada. Por isso faço regime. Não como fritura, gordura, pão, nem macarrão. Só legumes cozidos e carne sem tempero." Como sua pressão oscila tem a precaução de medi-la todos os dias e tomar remédio se necessário. Acamada só lembra de ter ficado duas vezes. Em 1970, quando quebrou os braços e em 1972 quando operou vesícula e hérnia e ficou "à mercê dos outros".

Fim da tarde. As crianças estão todas de banho tomado, roupas limpas. No sobrado 111 as mocinhas começam a distribuir o jantar. No 113 as meninas de sete a 13 anos vêem um filme num velho televisor em preto e branco. No 115 os pequenos assistem a desenhos animados bem coloridos. Alguns recebem a comida — arroz, feijão e salsicha — na boca.

Irmã Irene está feliz, muito feliz. Ela quer, um dia, ser santa. "Trabalho para isso. A gente se santifica em vida para gozar as alegrias do céu!"

Rosa Bastos

J. Tarde
27/7/82

Ela CONSEGUIU!

Aquele terreno na rua
Gravatai já era usado pelas
crianças do Lar Nossa Senhora da
Consolação há muito tempo.
Mas a irmã Irene precisou de 14
anos, rezando e pedindo aos
vários prefeitos, para obter a
sua posse. Até o ano 2.022.

Ela conseguiu!

Aquele terreno na rua Gravataí já era usado pelas crianças do Lar Nossa Senhora da Consolação há muito tempo. Mas a irmã Irene precisou de 14 anos, rezando e pedindo aos vários prefeitos, para obter a sua posse. Até o ano 2.022.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGASDepto. de Pesquisas Educacionais
BibliotecaJornal: *Journal of the American Medical Association*

Data: 10/10/62

Pág. 1

Pasta n.º

N.º do recorte

Gravidez em tubos de ensaio

HOUSTON — Duas mulheres acabaram de completar o terceiro mês de gravidez em tubos de ensaio. Segundo um de seus médicos, o dr. Martin Quigley, a técnica estará sendo utilizada nos principais hospitais americanos nos próximos cinco anos.

Quatro bebês de proveta já nasceram nos Estados Unidos, o último deles em 9 de julho,

filho do jogador de beisebol Mike Flanagan e sua esposa.

A técnica consiste em remover os óvulos do ovário da mãe e juntá-los com o esperma do pai em um prato de vidro. Depois de dois dias, os óvulos fertilizados são colocados no útero da mãe.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGASDepto. de Pesquisas Educacionais
BibliotecaJornal: *Revista da FEA*Data: *28/04/82*Pág. *12*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

*
O Programa Estadual do Rio Grande do Sul "Pró-Creches" informa que, nos dois primeiros anos de suas atividades, foram implantadas 54 creches, em 42 municípios. Acrescenta que "pelo seu pioneirismo esse trabalho foi um dos temas de relato de experiências, no 5.º Congresso da Organização Mundial de Educação do Pré-escolar, realizado em Salvador, Bahia, na primeira quinzena de julho".

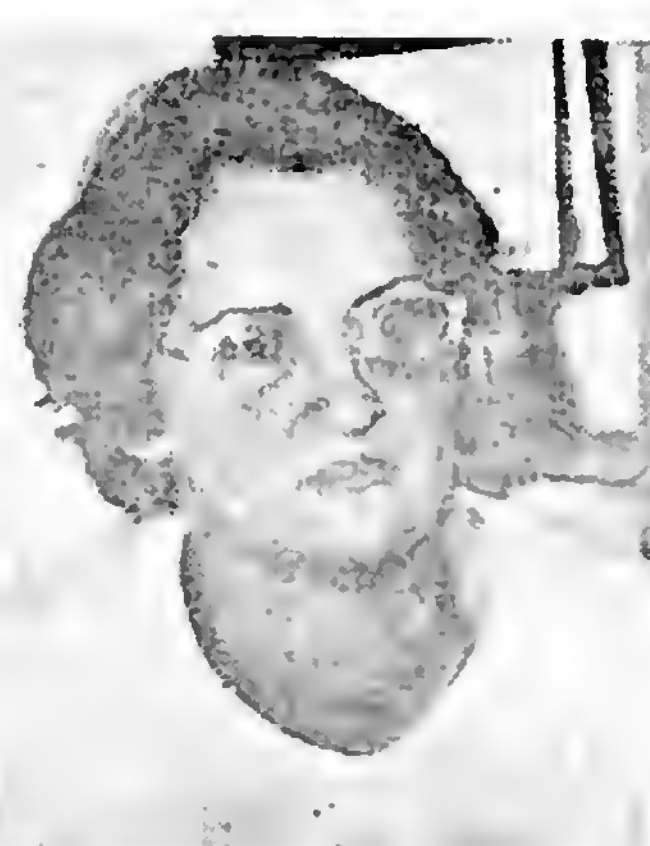
832
ENB 28/7/82 10:13



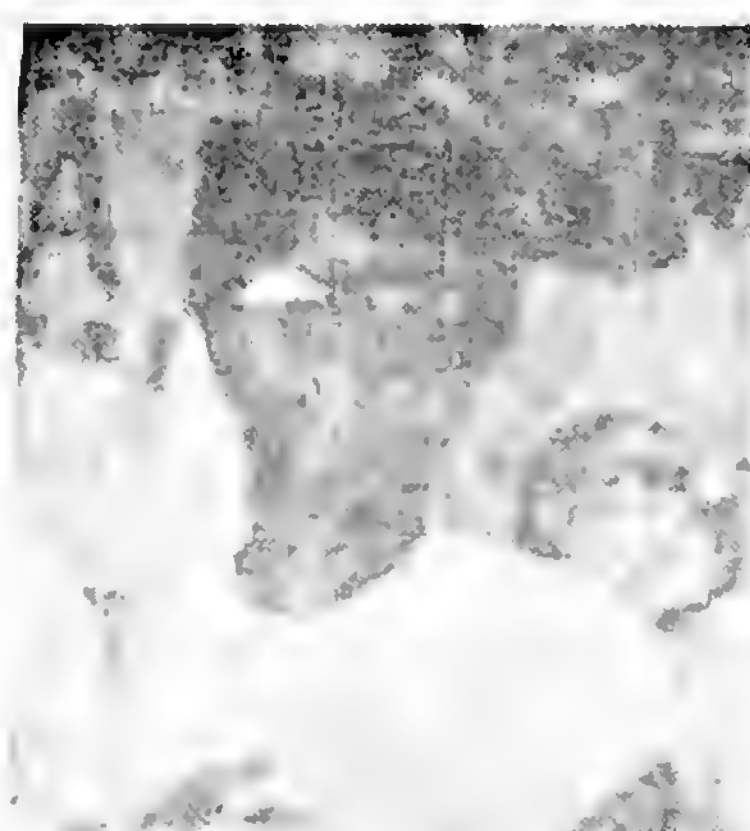
Margarida



Vanda



Nilza



Da Paz



Nair



Isabel

Oposição dos químicos/São Paulo

As mulheres estão de corpo inteiro na luta

Margarida, Vanda, Nilza, Da Paz, Nair e Isabel. Seis operárias da chapa de oposição dos químicos de São Paulo, seis mulheres na briga contra os mil caminhos da opressão patronal, contra a traição do pelego e contra... o machismo.

Por Marília Carvalho

Margarida: A nossa categoria tem 60 mil homens e 25 mil mulheres, a maioria concentrada no setor farmacêutico. O salário médio das mulheres é de 30 mil e o dos homens é entre 48 e 55 mil. É uma categoria em que até os homens não têm muita informação e muito menos as mulheres. Porque a mulher tem muito mais problemas em casa, tem a dupla jornada, não tem um canal de participação no sindicato, nem nos outros movimentos. É só no domingo, que as mulheres tem de folga. Lá na minha fábrica, a Andrômaco, você vê que a mulher tem muita dificuldade, principalmente se ela é menor, como a maioria lá. Se ela não estuda, ela tem um namorado; senão é problema em casa. Para você participar com ela você tem que ir num chá de cozinha, numa festinha. E isso a gente vai ter que começar a fazer. É tem o problema dos cheles serem muito paternalistas com as mulheres. O chefe coloca a coisa mansinha e ela não percebe a jogada.

Vanda: Houve um problema no meu laboratório, do patrão dando advertência oral, sem dar para as companheiras assinarem e isso aí eu denunciei na frente de todo mundo. Agora as companheiras estão confiando mais em mim, querendo fazer um abaixo assinado ou pelo menos um boletim para denunciar isso.

Nilza: Tem uma coisa que acontece na empresa, um problema específico que, por mais que a gente tenha claro que no fundo é econômico, na verdade é específico das mulheres. É que quando vão no banheiro elas ganham uma chapinha e só podem demorar lá cinco minutos. Os homens, além de não terem chave, eles vão na hora que quiserem e levam até jornal para ler lá dentro. Outro caso gravíssimo foi o de três mulheres que chegaram atrasadas quatro minutos e foram mandadas embora. Os homens, quando chegam atrasados o mesmo tempo, podem entrar. Claro que é porque as mulheres eles mandam embora mais fácil e substituem mais rápido. É um problema econômico, mas que atinge mais a mulher.

Vanda: É que a mulher ainda é mais submissa, aceita mais o que a empresa quer fazer com ela. Eu acho que isso não é uma coisa só da categoria dos químicos, mas de todas as categorias, uma opressão maior sobre a trabalhadora.

Da Paz: Eu ainda não tenho muito apoio da parte do pessoal da minha firma, a Laffi. E é um pessoal que sofre horrores. Tem a encarregada da embalagem que obriga o pessoal a fazer extra, fala que vai perder o emprego se não fizer. E tem problema de estudo: uma colega minha que foi fazer ficha, a encarregada falou que não ia pegar porque ela estudava.

Nair: Eu acho que a mulher hoje é uma verdadeira leoa, apesar de se falar que a mulher não entende de política, a mulher não fala bem, a mulher não participa. Só da mulher levantar cinco da manhã, vir para a fábrica, aguentar uma pressão violenta da fábrica, voltar pra casa, cuidar de filho, cuidar do marido. É pressão do marido em casa, é uma coisa, é outra. O que eu acho é que cada fábrica deveria ter uma líder mulher. Dentro da minha fábrica, a maior parte é mulher que trabalha. Parece que não, sabe, mas elas lutam, estão juntas, são mais seguras que os homens. Mas, para isso, teve três anos do meu trabalho lá dentro. Hoje, mesmo se eu sair da fábrica, mesmo que a empresa mande embora quatro, cinco, como eles geralmente fazem, vai ficar um trabalho, sempre fica alguém que continua o trabalho.

Na nossa categoria a mulher é mais sacrificada. Por exemplo: a mulher grávida trabalha em condições péssimas, trabalha com antibiótico mesmo grávida, trabalha com narcótico mesmo grávida, trabalha em área estéril. Depois, nasce um nenem com problema. Isso acontece na minha fábrica. Tudo quanto é nenem nasce com problema: é problema de alergia, de bronquite. E como é que se vai provar que isso começou no ambiente de trabalho da mãe? E ocorrem muitos abortos. Mas jamais um médico de convênio vai falar que a causa de um aborto foi a função no trabalho.

— Explica o que é "área estéril".

Nair: Área estéril é uma área fechada onde se faz antibiótico injetável. É uma área totalmente esterilizada com formol; trabalha-se com aquela lâmpada de ultravioleta o dia todo. Você para entrar toma um banho com água esterilizada, coloca aquela roupa toda esterilizada, sapato, tudo. Muitas vezes, você não pode sair nem para ir ao banheiro, por que é prejuízo para a empresa, até você tirar toda aquela roupa, ir ao banheiro, tomar banho e voltar novamente.

Isabel: Eu não tenho muito a acrescentar. Parece que é uma coisa da nossa sociedade que mulher é um ser diferente. Homem é um ser, mulher é outro. Por tudo que eles colocam aí, pelo moralismo. Apesar de que os homens também sofrem com isso, de uma certa maneira. Mas a mulher é mais perseguida. Eu acho que a gente vai ter mesmo que acompanhar as mulheres no passo que elas têm, para poder mostrar todo o direito que ela tem de participar, todo o poder que ela tem como ser humano, como pessoa normal que a gente é. Acho que o que falta sobre as mulheres é uma prática de trabalho. Porque existe muito estudo, muita pesquisa, mas não existe uma prática de organização.

Da Paz: Eu acho que a gente tem mais é que participar, ir em reuniões, tudo que pintar mesmo. A gente ganhando estas eleições, nós vamos tentar mobilizar as mulheres, para elas se conscientizarem que a mulher precisa participar mesmo, precisa saber o que está nos atingindo, em relação ao trabalho, ao corpo, a tudo. A partir do que nós tomemos este sindicato, essas seis mulheres vão trabalhar em cima disso, com muita força de vontade.

Nair: Eu acho que o nosso maior trabalho deve ser organizar as mulheres na fábrica, que é mais difícil que organizar os homens. A mulher, quando pega uma luta, ela vai em frente, ela pega pra valer, com unhas e dentes, mas é difícil ela pegar.

Margarida: É que a mulher, a primeira luta dela é se liberar da família. É o que aconteceu na minha família. Depois da minha luta para conseguir me liberar, como é que eu posso parar? Agora eu tenho um objetivo sindical, um objetivo político. Eu não briguei em casa simplesmente pra ficar numa boa, uma briga tremenda para depois ficar fazendo nada.

— E quais as propostas de vocês para a categoria?

Nilza: Vamos fazer um boletim específico dos problemas das mulheres. Nós temos a

preocupação em fazer um trabalho específico, mas ainda não temos um plano. Já organizamos um curso para as mulheres da nitroquímica, que vai começar em agosto, sobre a mulher em casa, na fábrica, nas lutas e sobre a sexualidade e a saúde. E no programa da chapa defendemos a integração da mulher na luta sindical e a luta pela solução de seus problemas específicos: pelo cumprimento da estabilidade para a gestante; pelo salário igual para trabalho igual e a realização de cursos, debates e reuniões das mulheres químicas e farmacêuticas. Somos contra um departamento feminino porque as mulheres ainda não estão mobilizadas, seria de cima para baixo.

— Existe uma tradição de trabalho com as mulheres na oposição sindical?

Nilza: A oposição atual é o resultado de um trabalho dentro do sindicato que começou com a Comissão de Mulheres. Em 1979 teve o Congresso das Mulheres Químicas e Farmacêuticas, que era um congresso só para sair no jornal. Mas, apesar do pelego, a gente conseguiu tirar uma Comissão de Mulheres, que foi muito ativa, resolveu muita questão e chegou a reunir umas quarenta mulheres na Zona Sul e no Centro. Os pelegos se assustaram com isso e mandaram um ofício dizendo que iam passar a controlar a comissão através da Horaide, que era diretora do sindicato. Mas o que ela fez foi matar a comissão, que nunca mais se reuniu. Participantes da Comissão de Mulheres integraram a Comissão permanente de Mobilização, que em 82 formou a Oposição.

— Como os homens da chapa encaram o trabalho de vocês

Nilza: Companheiros da chapa às vezes não compreendem que não queremos fazer uma coisa separada. O problema da mulher é específico — o homem não fica grávido, por exemplo — mas dentro da categoria. Às vezes eles nos chamam de feministas, no sentido de que queremos dividir as mulheres dos homens. Mas nós ainda não temos clara esta questão do feminismo, ainda não discutimos. Quando as mulheres entram na luta, elas são mais ativas. Quando conseguem superar todas as barreiras de filhos, marido. Eu por exemplo, era casada com um homem que me disse: "Ou o sindicato ou eu". Eu escolhi o sindicato e agora o safado está me pedindo 30% de pensão! Hoje tenho outros problemas porque sou casada com um homem negro e ainda por cima muito mais novo do que eu...

Isabel: É a própria sociedade que põe o homem mais valente que nós. Dá a chance dele ser mais valente, ele tem esse caminho. Para a mulher o próprio fato de participar já é uma vitória, uma conquista.

Nilza: Nossa batalha é para sermos levadas a sério. A gente vê, por exemplo, que o pelêgo tem muito mais raiva das seis mulheres da chapa que do resto. E entre os próprios companheiros, houve quem fosse contra a entrada de mulheres na executiva. O companheiro dizia que Deus é a cabeça do homem e os homens são a cabeça das mulheres... Mas acabou valendo o critério de entrarem duas mulheres na executiva. Somos respeitadas nas fábricas pelo nosso trabalho.

**Aleitamento
materno ainda
é insuficiente**

Da sucursal de
BELO HORIZONTE

Apenas 20% das mães de São Paulo amamentam seus filhos no segundo mês de idade, segundo uma pesquisa recentemente feita pela Unicef, da qual alguns dados foram revelados ontem, em Belo Horizonte, pela médica Mirthes Amorelli Gonzaga, dentro do 3º Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica. Em Recife, segundo a mesma pesquisa, o índice das mulheres que amamentam os filhos nessa idade cai para 12 a 15%.

Ao divulgar esses dados, Mirthes Amorelli Gonzaga voltou a defender um aumento do número de mulheres que amamentam os filhos, por considerar "as vantagens psicológicas, nutritivas e até de ordem econômica que o leite materno apresenta sobre o de animais ou artificiais". Segundo ela, o baixo índice de amamentação atualmente verificado no Brasil é consequência, em primeiro lugar, da "falta de informações" da maioria das mulheres, que desconhecem essas vantagens.

Mirthes Gonzaga defendeu também a procura, pelas mulheres, de meios alternativos anticoncepcionais, porque pesquisas científicas recentes comprovaram que o uso de pílulas reduz a quantidade do leite produzido, embora não afete sua qualidade.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha São Paulo*

Data: *28/07/82*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Osasco cria grupo para não fechar creche

O secretário Jorge Kfoury, da Promoção Social da Prefeitura de Osasco, informou ontem que foi criado um grupo de trabalho, com quatro funcionários municipais e seis pessoas da comunidade, para estudar alternativas que viabilizem o funcionamento da creche do Jardim Veloso. Essa foi a solução encontrada durante reunião mantida entre representantes da Prefeitura e o Clube de Mães do Jardim Veloso, depois da polêmica criada com a ameaça de fechamento da creche, onde são atendidas onze crianças.

Apesar da decisão, a creche vai ser fechada por vinte dias, enquanto as partes estudam as alternativas. Acredita o secretário que "a Prefeitura deverá entrar com o material para reformado prédio e a comunidade, em mutirão, fornecerá a mão-de-obra". Ele afirmou que a Prefeitura "não tem recursos" para fazer funcionar as dez creches inauguradas, no mês passado, pelo então prefeito Guaçu Piteri. Segundo ele, todas sem condições de funcionamento".

NÃO FECHA

Jorge Kfoury disse ainda que, embora a Prefeitura não tenha recursos, não é intenção do novo prefeito, Primo Borseghini, fechar as creches criadas pelo seu antecessor. No dia anterior, a mulher do prefeito, Maria Borseghini, queixara-se de que Guaçu Piteri inaugurou as creches e deixou uma dívida de dez bilhões de cruzeiros para a atual administração, o que levaria ao fechamento das creches e à demissão de funcionários.

A desativação da creche do Jardim Veloso, por vinte dias, "deve-se ao fato de não haver segurança para as crianças até que seja feita a reforma no prédio", uma casa alugada por Cr\$ 30 mil e que o Clube de Mães do Jardim Veloso resolveu ativar como creche, conseguindo mantimento entre os moradores e cuidando das crianças com o trabalho de voluntárias.

Prefeitura esquece sua nova creche

ES+ SP. 29/7/82

Uma creche moderna, com capacidade para 150 crianças de zero a seis anos, cinco salas de aula, três berçários, lavanderia e uma espaçosa cozinha, totalmente pronta há mais de um mês. Uma escola com seis dos seus oito banheiros entupidos, um refeitório onde se deposita lixo e materiais velhos, com telhas quebradas e furos nas paredes de madeira. Essas são as condições de uma creche e uma escola municipais localizadas no bairro de Camargo Novo, em São Miguel Paulista.

Há quase quatro anos o presidente da Sociedade dos Amigos do Bairro do Camargo Novo, Francisco Pedro Teodósio, vem insistindo junto à Prefeitura, vereadores e deputados para que "algo seja feito em benefício a Escola Municipal de 1º Grau Sud Menucci", recebendo sempre como resposta a alegação de que o assunto está sendo estudado e nenhuma providência foi ainda tomada por falta de verbas.

Essa escola, segundo sua diretora, Jurema Silva Gitaí, foi criada e funciona nessas condições por uma medida de urgência, tomada no final de 79, e que visava à imediata acomodação dos alunos de uma outra escola do bairro, a Ezequiel Ramos. Hoje, a Sud Menucci abriga 1.050 crianças em dez salas de aula e 30 classes, além das do Mobral que utilizam a precária construção no período noturno.

Segundo Teodósio, a proposta feita pela Prefeitura era a de encontrar um terreno para onde pudesse ser transferida a Sud Menucci. Depois de muita procura, foi escolhida a Fazenda Velha do Itaim, como é chamado um terreno de 80 alqueires próximo à escola, e sua desapropriação foi publicada no Diário Oficial, sendo o terreno declarado de "utilidade pública" pelo decreto nº 17.465, de 30 de julho de 1981.

Hoje, quase um ano depois da promessa, a escola continua sem auxílio nenhum, disse o presidente da Sociedade. Para ele, "é um absurdo que tantas crianças sejam obrigadas a estudar em uma escola com vidros quebrados, paredes furadas, refeitório em péssimas condições e, ainda por cima, sem banheiro". "Enquanto isso — continuou — uma creche enorme, construída às pressas, está parada, pois a idéia da Prefeitura era entregá-la ainda na administração Reynaldo de Barros. Como não foi possível, eles estão fazendo alguns reparos para inaugurá-la até outubro. Está na cara que é mais um jogo político".

Brasil poderá ter um bebê de proveta

BELO HORIZONTE — O Brasil poderá desenvolver o bebê de proveta até o final da década e criar um banco de embriões, no qual seriam armazenados óvulos fecundados para futuros reimplantes. A previsão é do geneticista Arnaldo Ferrari, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que disse participar da única equipe no País que trabalha neste tipo de pesquisa.

Segundo ele, o bebê de proveta é um dos grandes desafios da genética na década de 80, como a pílula o foi na década de 60. O aperfeiçoamento das pesquisas abre um leque de perspectivas revolucionárias, como a possibilidade de congelamento de embriões.

Embora Arnaldo Ferrari tenha afirmado que sua equipe é a única que desenvolve pesquisas sobre o bebê de proveta, atualmente em estágio animal, o presidente da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, Valdemar Diniz Pereira de Carvalho, assegurou que vários grupos de São Paulo estão se preparando também para produzir o bebê de proveta.

117 F26 30/7/82